

A Escala de Provisões Sociais: Desenvolvimento e validação da versão portuguesa da “Social Provisions Scale”

Social Provision Scale, Portuguese version:
development and validation study.

JOÃO M. MOREIRA¹, RITA CANAIPA²

RESUMO

Este artigo apresenta três estudos de validação da Escala de Provisões Sociais (EPS), versão Portuguesa da Social Provisions Scale, um questionário que avalia o apoio social percebido. A EPS baseia-se num modelo teórico que postula que o apoio social actua pelo fornecimento de um conjunto de recursos de que os indivíduos necessitam quando se defrontam com situações de stress: Aconselhamento, Aliança Fiável, Vinculação, Integração Social, Reafirmação de Valor e Oportunidade de Prestação de Cuidados. A EPS permite avaliar estas provisões em separado, bem como o apoio percebido em termos globais, e ainda duas dimensões intermédias de

1. Professor Auxiliar. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa. E-mail: jmoreira@fpce.ul.pt

2. Estudante de Pós-Graduação. Faculdade de Medicina. Universidade de Lisboa. E-mail: rita.canai-pa@netcabo.pt

Nota dos Autores: Agradecemos a colaboração de todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para este projecto, especialmente dos colegas Maria de Fátima Silva, Carla Moleiro, Patrícia Aguiar, Micael Andrez, Sónia Bernardes e Maria Helena Afonso, que colaboraram na investigação em que foram recolhidos os dados para o Estudo 1. Agradecemos ainda aos Professores António Simões (Universidade de Coimbra), Maria da Graça Seco (Instituto Politécnico de Leiria), Pedro Lopes dos Santos (Universidade do Porto) e Maria de Fátima Perloiro (Instituto Politécnico de Setúbal) a cedência das escalas que adaptaram para a população Portuguesa. Finalmente, não poderíamos deixar de agradecer a todos os estudantes que voluntariamente se disponibilizaram a responder aos questionários para estes estudos.

Apoio Íntimo e Apoio Casual. Os estudos realizados mostram que a EPS fornece resultados dotados de suficiente precisão teste-reteste e de consistência interna. A sua validade foi também demonstrada por análises factoriais exploratórias e confirmatórias, e por correlações com outras medidas, concluindo-se que a validade convergente e discriminante que apresenta a torna numa boa medida para a avaliação das diversas facetas do apoio social percebido.

Palavras-chave: apoio social percebido, questionário, validação, Escala de Provisões Sociais

ABSTRACT

This article presents three validation studies of the Escala de Provisões Sociais (EPS), the Portuguese version of the Social Provisions Scale, a questionnaire that purports to measure perceived social support. The EPS is based on a theoretical model that postulates that support acts through the provision of a number of resources individuals need when faced with stressful situations: Guidance, Reliable Alliance, Attachment, Social Integration, Reassurance of Worth and Opportunity for Nurturance. The EPS allows for the assessment of each of these provisions in separate, as well as of global perceived support, and also of two intermediate dimensions of Intimate and Casual Support. Studies here presented show that the EPS provides reliable scores (both retest and internal consistency). Validity was also demonstrated, by exploratory and confirmatory factor analyses, and by correlations with other measures. One may conclude that its convergent and discriminate validity make EPS a good measure of the varied facets of perceived social support.

Keywords: perceived social support, questionnaire, validation, social provisions, Escala de Provisões Sociais

A “Social Provisions Scale” (SPS) desenvolvida por Cutrona e Russell (1987), tem como objectivo operacionalizar a concepção multidimensional do apoio social percebido proposta pelo sociólogo Robert Weiss (1974). De acordo com este autor, o apoio social actua através do fornecimento ao indivíduo de recursos específicos, necessários para fazer face às várias situações de vida e que apenas podem ser obtidos no contexto de relações sociais. Weiss (1974) propôs uma taxonomia destes recursos, na qual diferencia seis tipos, que designa por “provisões sociais”: Aconselhamento (*Guidance*), Aliança Fiável (*Reliable Alliance*), Vinculação (*Attachment*), Integração Social (*Social Integration*), Reafirmação de Valor (*Reassurance of Worth*) e Oportunidade de Prestação de Cuidados (*Opportunity for Nurturance*).

A operacionalização dessas provisões, conseguida através do desenvolvimento da SPS, permitiu a Cutrona e Russell (1990) procurar apoio empírico para a hipótese de Weiss (1974) relativa ao facto de diferentes provisões sociais serem requeridas, dependendo da situação de stress em causa. Com o objectivo de construir um “modelo de ajustamento” (“matching model”) entre acontecimentos de vida stressantes e tipos de apoio social eficazes, os autores definiram um sistema de categorização dos acontecimentos de vida com quatro dimensões: controlabilidade, desejabilidade,

domínio de vida afectado pelo acontecimento e duração do efeito.

Partindo desta taxonomia, Cutrona e Russell (1990) analisaram um amplo conjunto de estudos e desenvolveram investigação com o objectivo de verificar a adequação deste modelo de ajustamento. Num destes estudos, por exemplo, Cutrona (1984) procurou identificar quais os componentes de apoio mais eficazes na prevenção da perturbação psicológica em mulheres em fase de transição para a parentalidade. Os resultados do estudo indicaram que, de entre as seis provisões sociais, apenas o Aconselhamento estava associado a índices mais baixos de depressão duas semanas após o parto. Isto sugeria que o receber conselhos e informações relativas aos cuidados a prestar à criança e ao desenvolvimento de competências necessárias para lidar com esta nova fase de vida tinha um papel fundamental na prevenção da ocorrência de sentimentos negativos. Numa segunda fase, oito semanas após o parto, verificava-se o aumento da importância da Integração Social como preditora de ajustamento. Após a alteração das rotinas e da identidade da mulher, a Integração Social parecia permitir a partilha de actividades e interesses com outros pais e facilitar a transição para a nova fase da sua vida. Para além disso, a emocionalidade positiva que decorre dos contactos e actividades sociais poderia funcionar como forma de contrariar estados depressivos. Este estudo constitui,

assim, um bom exemplo de como a avaliação em separado dos diferentes tipos de recursos providenciados pelo apoio social, tal como é feita pela SPS, permite uma melhor compreensão dos processos pelos quais este apoio actua, bem como determinar o perfil de forças e debilidades existentes nos recursos sociais do indivíduo.

Numa definição mais precisa (Cutrona e Russell, 1987), o *Aconselhamento* é o apoio recebido de uma pessoa de confiança que fornece orientação, ajuda na ponderação da situação e apoio emocional. É muitas vezes assegurado por uma figura de autoridade ou de maior experiência. Esta provisão revela-se importante quando o indivíduo se confronta com situações em cuja resolução pode ainda ter um papel activo e, através do aconselhamento, pode obter informações que o ajudem a planear a sua acção.

A *Aliança Fiável* diz respeito à sensação de uma relação forte e segura, que permite contar com ajuda disponível, independentemente das circunstâncias. Dentro deste componente, a ajuda tangível, que consiste no fornecimento de recursos materiais, financeiros ou de ajuda em tarefas, assume particular importância, reflectida no conteúdo dos itens da EPS. Este tipo de provisão é fornecido sobretudo no contexto de relações especialmente sólidas e duradouras, como as familiares, e menos no contexto de amizades mais casuais (Wellman & Wortley, 1990).

A *Vinculação* (Feeney e Noller, 1996) ocorre nas relações mais próximas, onde existe grande intimidade e um sentimento de partilha e segurança emocional (Hazan e Zeifman, 1994, 1999), sendo que nos adultos este tipo de necessidade é normalmente satisfeita nas relações de casal, familiares, ou de amizade muito estreita (Trinke e Bartholomew, 1997). Os estudos decorrentes do paradigma da vinculação nos adultos têm permitido esclarecer como um estilo de vinculação seguro pode facilitar os comportamentos de procura de apoio (Bartholomew e Horowitz, 1991), a resolução de conflitos em situações stressantes (Rholes, Simpson e Stevens, 1998) e os índices de satisfação com o apoio recebido (Levy, Shaver e Blatt, 1998). O estudo de Moreira, Silva, Moleiro, Aguiar, Andrez, Bernardes e Afonso (2003) indica mesmo que os efeitos do apoio social percebido poderão ser explicados pela segurança da vinculação. Em qualquer caso, os aspectos da segurança obtida através de sentimentos de proximidade e intimidade em relações significativas, que constituem a essência da vinculação, são captados pela subescala da SPS com o mesmo nome.

Estas três provisões constituem componentes essenciais do conceito de “apoio emocional”. Este tem um importante peso em praticamente todas as medidas de apoio social e refere-se ao sentimento global de que

se é amado, aceito e apoiado por pessoas emocionalmente próximas. A literatura tem indicado a importância deste tipo de apoio em quase todas as situações, controláveis e incontroláveis, com que o indivíduo tem de se confrontar (B. R. Sarason, Shearin, Pierce e Sarason, 1987).

A *Integração Social* reflecte a oportunidade para partilhar interesses e actividades sociais. Esta provisão revela-se mais importante quando ocorrem alterações nas redes e papéis sociais, e o indivíduo tenta integrar-se num novo grupo de pessoas. É o que acontece em casos de desemprego, sobretudo em idades mais avançadas (Mallinckrodt e Fretz, 1988), em situações de doença (Kaplan e Toshima, 1990), viuvez (Dimond, Lund e Caseta, 1987), transição para a parentalidade (Cutrona, 1984), etc.

A *Reafirmação de Valor* permite obter dos outros uma valorização das nossas qualidades, aquisições e competências. É especialmente importante quando o indivíduo se confronta com acontecimentos controláveis, em que a sua acção pode determinar uma boa adaptação e, eventualmente, a resolução da situação. Investigação que se refere ao confronto com o stress profissional tem mostrado que a reafirmação de valor, sobretudo por parte das chefias, é a provisão social que mais funciona como “amortecedor” contra o stress profissional (Constable e Russell, 1986; Russell, Altmaier e Van Velzen, 1987). Nestas

situações, as crenças que o indivíduo tem acerca das suas capacidades e a sua auto-estima são colocadas em risco, pelo que a valorização das suas competências se revela essencial. A constatação da existência de correlações positivas entre a qualidade das relações interpessoais e a auto-estima (Voss, Markiewicz e Doyle, 1999) corrobora a ideia de que é a existência de relações em que o indivíduo se sente apoiado e valorizado que lhe permite sustentar a sua auto-estima e, conseqüentemente, está na base da boa saúde psicológica.

As características individuais parecem ter um papel particularmente importante na avaliação da disponibilidade e satisfação com estes tipos de provisões sociais (Weiss, 1974; Russell, Booth, Reed e Laughlin, 1997). Uma vasta literatura decorrente das teorias da personalidade (por exemplo, Cutrona e Russell, 1987; I. G. Sarason, Levine, Basham e Sarason, 1983) e da vinculação (por exemplo, Bartholomew, Cobb e Poole, 1997; Collins e Feeney, 2000; Simpson, Rholes e Nelligan, 1992; Wallace e Vaux, 1993) tem procurando aprofundar a compreensão das interrelações entre características individuais e apoio social percebido. Em geral, os resultados apontam para a existência de correlações positivas entre as dimensões da extroversão e as medidas de apoio social (Cutrona e Russell, 1987). Esta característica de personalidade parece influenciar o

desenvolvimento da rede social do indivíduo, assim como a capacidade de manter essas relações e percepcioná-las como disponíveis, o que faz sentido face à maior facilidade destes indivíduos para iniciarem relações, expressarem os seus sentimentos e suscitarem repostas positivas por parte dos outros (Russell, Booth, Reed e Laughlin, 1997). Outras características pessoais, de que são exemplo o optimismo e a satisfação com a vida, também parecem ter efeitos sobre o desenvolvimento das redes sociais e a satisfação com o apoio recebido. Por exemplo, num estudo levado a cabo com estudantes universitários (Brissette, Scheier e Carver, 2002), verificou-se que os mais optimistas têm uma rede social mais alargada e estão mais satisfeitos com o apoio social recebido.

A *Oportunidade de Prestação de Cuidados* representa, no modelo de Weiss (1974), a necessidade de fornecer apoio e cuidados. A pessoa sente um compromisso e um papel importante na promoção do bem-estar de outros. Esta necessidade é frequentemente satisfeita nas relações com as crianças, nomeadamente com os filhos, embora possa também manifestar-se noutros contextos. Este tipo de provisão foi aquele que deu origem a menos investigações. Um estudo recente, porém, veio apoiar a hipótese de Weiss de que o sentimento de ser necessário aos outros, bem como o sentimento de valor que o indivíduo

adquire através dessa percepção podem acabar por ter maiores efeitos sobre a saúde do que o estar no papel do receptor desse apoio (Brown, Nesse, Vinokur e Smith, 2003).

Em 1978, uma equipa coordenada por Carolyn E. Cutrona e Daniel W. Russell operacionalizou estas seis provisões sociais e construiu 12 afirmações, de modo a que cada uma das provisões estivesse representada por duas afirmações, uma no sentido positivo e outra no sentido negativo (Cutrona e Russell, 1987). Este questionário foi denominado “Social Provisions Scale” (SPS). A primeira versão da SPS foi posteriormente revista, tendo sido acrescentadas mais 12 afirmações, com o objectivo de aumentar o nível de precisão dos resultados. Nesta versão revista, existem quatro afirmações para cada uma das provisões sociais e a pessoa avalia o seu grau de concordância com essas afirmações numa escala com quatro pontos (Cutrona e Russell, 1987).

A utilização da SPS revelou boas qualidades psicométricas. No estudo inicial, os coeficientes alfa para cada uma das seis subescalas variaram entre 0,65 e 0,76. A precisão da sua pontuação total foi de 0,91 (Cutrona e Russell, 1987).

Na análise factorial confirmatória levada a cabo com os dados dos 1792 participantes nos estudos que validaram a versão original, o modelo teórico que pressupõe seis factores revelou um bom ajustamento aos dados. A

saturação dos itens nos respectivos factores revelou-se adequada, variando entre 0,39 e 0,79. As intercorrelações entre factores variaram entre 0,55 e 0,99. Tal como seria de esperar, dadas estas intercorrelações elevadas, uma análise factorial de segunda ordem revelou a existência de um factor de apoio social geral, que reflecte, na opinião dos autores, o facto de as seis subescalas avaliarem diferentes facetas do mesmo construto (apoio social percebido). As saturações das subescalas neste factor de segunda ordem variaram entre 0,62 (para a Oportunidade de Prestação de Cuidados) e 0,997 (para a Vinculação; Cutrona e Russell, 1987). No entanto, o facto de estas saturações serem, na maioria dos casos, claramente inferiores a 1, bem como o facto de um modelo com um único factor geral, subjacente aos 24 itens, apresentar um menor grau de ajustamento, apoiam a concepção multidimensional.

Com o objectivo de obter dados relativos à validade desta escala enquanto medida de apoio social, Cutrona e Russell (1987) levaram a cabo um estudo com um vasto conjunto de outras medidas de apoio social, com as quais o resultado global da SPS revelou correlações significativas e superiores a 0,30. Para além disto, os autores obtiveram ainda dados relativos à desejabilidade social, à introversão-extroversão e ao neuroticismo. Embora se

verificassem correlações significativas no sentido esperado, estas foram mais baixas (todas abaixo de 0,30) do que as correlações com as outras medidas de apoio social. Uma análise de regressão múltipla hierárquica indicou, para além disso, que as relações entre a SPS e as outras medidas de apoio social não eram anuladas quando se controlavam os efeitos da desejabilidade social, extroversão, neuroticismo, depressão e stress, o que demonstra que os resultados da SPS não reflectem apenas os efeitos destas variáveis (Cutrona e Russell, 1987).

Pode, portanto, concluir-se que a SPS demonstrou, nos estudos empíricos em que foi utilizada, boas qualidades psicométricas. Para além disso, apresenta, quando comparada com outras escalas de apoio social, a vantagem de proporcionar uma avaliação multidimensional do construto de apoio social, muito embora se situe claramente no domínio do apoio social percebido, e não se ocupe de outras conceptualizações do apoio social, como a da composição e estrutura das redes sociais e a do apoio recebido. Estes motivos tornaram a tradução e adaptação da SPS para a população portuguesa num objectivo claramente desejável.

ESTUDO 1

Este estudo teve como objectivo analisar a estrutura factorial do ques-

tionário e avaliar a relação existente entre esta medida de apoio social e uma medida de estilo de vinculação, o Questionário de Estilo Relacional (QER). Foram ainda analisadas as implicações do apoio social percebido em termos de perturbação psicológica, avaliada através da Brief Symptom Inventory (BSI). Os dados deste estudo serviram já de base a um outro estudo publicado pelo primeiro autor (Moreira et al., 2003).

MÉTODOS

Participantes

Neste estudo participaram 182 estudantes universitários de Psicologia e de Ciências da Educação, sendo 151 mulheres e 29 homens (dois participantes omitiram a informação relativa ao sexo), com idades compreendidas entre os 18 e os 48 anos (média de 21,01, desvio-padrão 4,98). O facto de alguns participantes não terem respondido a todos os itens das diferentes medidas reduziu o número de casos válidos a 178 para a Escala de Provisões Sociais (EPS) e o QER e a 179 para a BSI.

Medidas

Os três questionários abaixo referidos, EPS, QER e BSI foram apresentados em conjunto aos participantes, pela ordem em que são apresentados de seguida.

Escala de Provisões Sociais (EPS)

A versão portuguesa da SPS foi elaborada a partir do original inglês obtido dos seus autores. Esta versão foi traduzida pelo primeiro autor. Uma retroversão independente foi posteriormente enviada aos autores da versão original, que a aprovaram. As características da escala foram já referidas, em detalhe, na introdução. Os alfas de Cronbach obtidos neste estudo para cada uma das subescalas e para a escala total são indicados no Quadro 4.

Questionário de Estilo Relacional (QER)

O QER (Moreira, 2000) é um questionário que pretende medir os estilos de vinculação no adulto, através de 33 itens. Destes, 30 provêm do RSQ (Relationship Style Questionnaire) de Bartholomew e Horowitz (1991). Os restantes 3 são itens do AAQ (Adult Attachment Questionnaire) de Collins e Read (1990) que não estavam incluídos no RSQ. A cotação das respostas é feita numa escala entre 1, “Não tem nada a ver comigo” e 5, “Tem muito a ver comigo”. Os itens foram inicialmente traduzidos do Inglês para Português pelo primeiro autor e efectuadas retroversões independentes para Inglês. Estas retroversões foram enviadas para os autores das versões originais (Kim Bartholomew e Nancy Collins) que as consideraram adequadas.

Os resultados das análises factoriais indicaram duas soluções, uma com três factores (Preocupação, Conforto com a Proximidade e Auto-Suficiência) e outra com seis (Moreira, 2000). A solução com 3 factores foi utilizada neste estudo, uma vez que o interesse não se situava nas dimensões mais específicas da vinculação. Alguns exemplos de itens do QER são “Preocupa-me o não ser aceite pelos outros” (Preocupação) e “Acho fácil tornar-me emocionalmente próximo das outras pessoas” (Conforto com a Proximidade). A escala de Conforto com a Proximidade foi utilizada com a pontuação invertida e reinterpretada como avaliando a vinculação evitante, de modo a manter o sentido da cotação coerente com as outras escalas.

Brief Symptom Inventory (BSI)

Trata-se da forma curta do inventário de sintomas SCL-90-R (Derogatis e Melisaratos, 1983), composta por 53 itens construídos para reflectir os sintomas psicológicos fundamentais de pacientes psiquiátricos e de sujeitos ditos “não pacientes”. Cada item é avaliado numa escala de 5 pontos (de “0 - nada” até “4 - extremamente”). Estes itens permitem obter informação relativa a diversas dimensões de sintomas, bem como três índices globais. Um destes, o GSI (Índice de Severidade Global) foi utilizado no presente estudo. O GSI corresponde à média de todos os itens e pretende

constituir um índice global de perturbação. A versão portuguesa deste inventário foi desenvolvida por Helena Afonso (Moreira et al., 2003). Alguns exemplos de itens do inventário são “Explosões emocionais que não consegue controlar” ou “Sentir-se melancólico/a”.

RESULTADOS

Análise factorial exploratória

Começámos por realizar a análise factorial exploratória da EPS utilizando a técnica da análise em componentes principais. O método da análise paralela (Moreira, 1999), aplicado com o auxílio das tabelas de Cota, Longman, Holden, Fekken e Xinaris (1993) apontou para uma solução com dois factores. A análise do gráfico dos valores próprios, através do teste do cotovelo, sugeria a consideração de um ou de dois factores. Uma vez que a solução de dois factores nos pareceu a mais adequada do ponto de vista interpretativo, optámos por essa solução. Esta opção poderá parecer, à primeira vista, incongruente com os pressupostos de construção da escala, que pretende medir seis tipos específicos de apoio social, mas uma análise mais profunda dos itens que saturam em cada um dos dois factores encontrados salienta aquilo que nos parece ser uma distinção importante no conceito de apoio social: a distinção entre apoio íntimo e apoio casual.

Como se pode constatar através da tabela das saturações dos itens nos dois factores (Quadro 1), verifica-se que os itens das subescalas de Aconselhamento, Aliança Fiável, Oportunidade de Prestação de Cuidados e Vinculação saturam a um nível absoluto mais elevado, com

apenas uma excepção, no primeiro factor, designado como “Apoio Íntimo”. Em contrapartida, os itens das subescalas de Reafirmação do Valor e Integração Social saturam predominantemente, mais uma vez apenas com uma excepção, no Factor 2, “Apoio Casual”.

Quadro 1. Saturação dos itens da EPS na análise factorial exploratória após rotação Varimax, Estudo 1

Itens	Subescala	Factores	
		Apoio Íntimo	Apoio Casual
1	AF	-0,69	0,1
2	V	0,57	-0,2
3	AC	0,71	-0,12
4	OPC	-0,38	0,31
5	IS	-0,02	0,56
6	RV	0,11	-0,43
7	OPC	-0,34	-0,03
8	IS	-0,31	0,29
9	RV	0,24	-0,45
10	AF	0,33	-0,23
11	V	-0,66	0,2
12	AC	-0,65	0,36
13	RV	-0,11	0,72
14	IS	0,32	-0,55
15	OPC	0,45	-0,3
16	AC	-0,61	0,19
17	V	-0,6	0,19
18	AF	0,64	-0,21
19	AC	0,75	-0,07
20	RV	-0,02	0,78
21	V	0,57	-0,09
22	IS	0,11	-0,52
23	AF	-0,53	0,31
24	OPC	0,3	-0,36

Nota. AC - Aconselhamento. AF - Aliança Fiável. RV - Reafirmação do Valor. OPC Oportunidade de Prestação de Cuidados. V - Vinculação. IS - Integração Social.

Assim, o primeiro factor parece agregar os itens que se relacionam com o apoio fornecido em relações nas quais existem vínculos afectivos mais estreitos. Por exemplo, a necessidade de aconselhamento em situações novas ou difíceis de gerir, a necessidade de relações que forneçam segurança emocional e partilha de afectos, assim como o contribuir para o bem-estar do outro, apenas poderão ser integralmente satisfeitas em relações de maior intimidade e conhecimento mútuo.

Pelo contrário, os itens que saturam no factor de Apoio Casual parecem relacionar-se com os aspectos mais sociais do apoio. A necessidade de partilhar actividades e interesses e de sentir que os outros valorizam as competências do próprio não parece exigir relações tão próximas. Este tipo de apoio pode ser satisfeito em relações mais superficiais, por exemplo com amizades menos próximas, colegas de trabalho, etc., em que os fornecedores de apoio podem variar em função das circunstâncias.

Como foi já mencionado, encontramos duas excepções à distribuição dos itens das subescalas pelos dois factores, o que poderá estar relacionado com o modo como os itens estão formulados, ou seja, com o seu conteúdo. Neste sentido, é preciso salientar, antes de mais, que a EPS não foi concebida para avaliar os dois factores propostos e, como tal, não será de todo inesperado que se encontrem

itens que não saturam nos factores previstos. Assim, o item 8 (“Sinto-me parte de um grupo de pessoas que partilham as minhas atitudes e crenças”), apesar de ser um item da subescala de Integração Social, satura mais no factor Apoio Íntimo. Neste caso, estamos em crer que o domínio das “atitudes e crenças” é avaliado pelos participantes como sendo mais profundo que o domínio das actividades sociais mais gerais e, como tal, é entendido como sendo mais típico das relações em que ocorre maior intimidade.

O item 24 (“Ninguém tem necessidade de que eu me preocupe com ele/ela”), da subescala de Oportunidade de Prestação de Cuidados, contrariamente ao esperado, satura mais no factor Apoio Casual. Aqui, parece-nos que o “preocupar-se” poderá ter para os participantes uma conotação menos íntima e menos específica. De qualquer modo, em ambos os casos, a diferença entre as saturações do item num factor e no outro é bastante pequena, o que aponta para aspectos do conteúdo dos itens que poderão ser menos centrais para a distinção Apoio Íntimo e Apoio Causal. Por essa razão e para manter a coerência do sistema de cotação, os itens foram atribuídos às novas escalas avaliando os dois factores, em função das subescalas originais a que pertenciam (item 8 à subescala de Apoio Casual e item 24 à subescala de Apoio Íntimo) e não em função do factor no qual saturavam mais.

Os valores do alfa de Cronbach para cada um dos factores da EPS, Apoio Íntimo e Apoio Causal são indicados no Quadro 4. Em relação ao primeiro factor, as correlações item-total variaram entre 0,26 e 0,64, sendo os valores mais baixos correspondentes aos itens 7 e 10, os quais, com a sua eliminação, fariam subir ligeiramente o valor do alfa. No que diz respeito às correlações item-total dos itens do segundo factor, elas variaram entre 0,31 e 0,56. Neste caso, nenhum item faria subir o alfa com a sua eliminação. É de notar, particularmente, que esta situação não se colocou para nenhum dos dois itens que a análise factorial colocou no factor “errado”.

As conclusões gerais desta análise foram seguidamente testadas numa outra análise factorial exploratória, esta realizada ao nível dos resultados das

subescalas, obtidos por soma dos itens respectivos. A matriz de correlações que serviu de base a esta análise é apresentada no Quadro 2. Aqui, todos os indicadores apontavam no sentido de que deveria ser extraído um só factor, no qual as subescalas de Aconselhamento (0,82), Vinculação (0,79) e Aliança Fiável (0,89) apresentavam as saturações mais elevadas. Porém, pedindo ao programa a extracção de dois factores, o padrão das saturações após a rotação era compatível com os resultados da análise ao nível dos itens (ver Quadro 3). Este resultado sugere que, embora a distinção entre estes dois aspectos seja válida, os dois devem estar correlacionados a ponto de a análise factorial ao nível das subescalas não ter, com a aplicação dos critérios mais comuns para a escolha do número de factores, conseguido separá-los.

Quadro 2. Correlações entre as subescalas da EPS, Estudo 1

	AC	AF	RV	OPC	V	IS
AC	---	0,67	0,36	0,45	0,65	0,39
AF	0,93	---	0,4	0,38	0,52	0,43
RV	0,4	0,41	---	0,36	0,34	0,46
OPC	0,73	0,65	0,59	---	0,51	0,33
V	0,92	0,8	0,42	0,9	---	0,39
IS	0,61	0,67	0,69	0,68	0,66	---

Nota. Acima da diagonal estão indicadas as correlações observadas entre os resultados das subescalas. Abaixo da diagonal são apresentadas as correlações estimadas entre os factores, na análise factorial confirmatória.

Quadro 3. Saturação das subescalas da EPS nos factores obtidos na análise factorial exploratória ao nível das subescalas, após rotação Varimax, Estudo 1.

Subescala	Factores	
	Apoio Íntimo	Apoio Casual
Aconselhamento	0,86	0,19
Aliança Fiável	0,72	0,34
Reafirmação do Valor	0,2	0,85
Oportunidade de Prestação de Cuidados	0,65	0,26
Vinculação	0,83	0,17
Integração Social	0,28	0,79

Análise factorial confirmatória

Iniciou-se a análise factorial confirmatória, aplicada com o auxílio do programa Amos 6.0, testando o ajustamento de um modelo com 6 factores, em que cada um deles correspondia a uma das subescalas, e em que os 6 factores se correlacionavam livremente. Este modelo revelou um ajustamento razoável aos dados, tendo em conta aquilo que geralmente se encontra com questionários deste tipo: $\chi^2(237) = 434,64$, $p < 0,0005$, $GFI = 0,82$, $RMSEA = 0,069$. Embora não houvesse índices de modificação particularmente elevados, os dois maiores, correspondendo à presença de erros correlacionados entre os itens 6 e 9 (os dois indicadores negativos da subescala de Reafirmação do Valor) e entre os itens 12 e 16 (os dois indica-

dores positivos da subescala de Aconselhamento) eram plausíveis, pelo que foram permitidos. Com esta alteração, o ajustamento do modelo melhorou mais um pouco, $\chi^2(235) = 393,41$, $p < 0,0005$, $GFI = 0,84$, $RMSEA = 0,062$. Os índices que permaneciam após esta alteração eram mais duvidosos e de pequena magnitude, pelo que não foram considerados. As correlações estimadas entre os factores (ver Quadro 2) variavam de 0,40 (entre Aconselhamento e Reafirmação do Valor) a 0,93 (entre Aconselhamento e Aliança Fiável).

Embora estas correlações sejam bastante altas, tal como no estudo original estão ainda algo afastadas de 1, pelo que se pode considerar a questão da vantagem ou não em considerar as subescalas individualmente. Estas

questões podem ser testadas na análise factorial confirmatória através do ajustamento de modelos mais restritivos, verificando se a imposição de parâmetros adicionais conduz a um aumento significativo do desajustamento dos modelos. Isto foi feito neste caso, ajustando um modelo em que as correlações entre as subescalas seriam explicadas pela presença de dois factores de segunda ordem, correspondentes aos factores de apoio íntimo e de apoio casual. As alterações sugeridas anteriormente pelos indicadores de modificação foram mantidas, neste e nos modelos subsequentes. Este segundo modelo revelou também um ajustamento razoável, $\chi^2(243) = 414,25$, $p < 0,0005$, GFI = 0,83, RMSEA = 0,064, se bem que, inevitavelmente, um pouco inferior ao do modelo anterior. A diferença entre os dois modelos é significativa, $\chi^2(8) = 20,84$, $p < 0,01$, o que indica que as correlações entre os factores correspondentes às escalas não podem ser inteiramente explicadas pelos dois factores de segunda ordem.

Uma outra questão que se poderia colocar ainda, porém, seria a de saber se haveria vantagem em considerar estes factores de segunda ordem, para algum tipo de análise, ou se seria suficiente considerar um único factor geral de apoio percebido. O facto de a correlação entre os factores de Apoio Íntimo e Apoio Casual ter sido estimada em apenas 0,68 levaria, à partida, a crer na vantagem em reter os dois fac-

tores. Esta conclusão, porém, só poderia ser estatisticamente fundamentada através de uma nova comparação de modelos, entre o imediatamente anterior e um outro em que fosse considerado um só factor como explicando todas as correlações entre os seis factores de primeira ordem. A imposição desta restrição adicional resultou num modelo que, apesar de apresentar um ajustamento ainda razoável, $\chi^2(244) = 430,82$, $p < 0,0005$, GFI = 0,83, RMSEA = 0,066, era significativamente pior do que o anterior, $\chi^2(1) = 16,57$, $p < 0,001$.

Assim, em conclusão, as análises factoriais confirmatórias permitiram concluir que os resultados da EPS se ajustam de modo adequado ao modelo de medida pressuposto. Além disso, verifica-se que há alguma vantagem em considerar as seis subescalas em separado, por comparação com o uso de apenas duas escalas, e que a utilização de duas escalas apresenta alguma vantagem em relação ao uso de apenas uma escala global. Todas estas soluções, porém, podem ser consideradas aceitáveis, abrindo um leque de opções quanto à forma de utilizar os resultados da EPS.

Correlações com outras medidas

Nesta subsecção da análise dos resultados, começou-se por relacionar os resultados da EPS com o sexo e a idade dos indivíduos. Para o sexo, o teste *t* de Student forneceu um resulta-

do não significativo, $t(173) = 1,02$, $p = 0,31$. Para os resultados em termos de dois, $F(2, 172) = 0,54$, $p = 0,54$ e de seis factores, $F(6, 168) = 0,69$, $p = 0,66$, os resultados das análises de variância multivariadas (MANOVAs) revelaram também resultados não significativos. Apesar de ser poder argumentar que esta falta de significância poderia ser devida ao escasso número de participantes do sexo masculino, o facto é que os resultados em termos de magnitude do efeito mostraram que as diferenças entre sexos nos resultados da EPS são de pequena monta, não subindo os efeitos, medidos em termos de r , nunca acima de 0,12. Note-se, entretanto, que em todas as escalas os valores médios mais elevados são encontrados para o sexo feminino.

Também quanto à idade não se encontraram correlações significativas nesta amostra com nenhuma das escalas da EPS, sendo a correlação mais elevada de 0,13. Todas as correlações vão no sentido de indivíduos mais velhos perceberem maior apoio disponível.

Seguidamente, examinaram-se as correlações entre os resultados da EPS e os do QER, esperando-se encontrar correlações negativas entre o apoio percebido e índices de vinculação insegura. O conjunto das correlações encontradas é apresentado no Quadro 4. É visível que as correlações no seu conjunto correspondem ao padrão esperado, embora a escala de Auto-Suficiência não se correlacione com a percepção de apoio. Este resultado não é surpreendente, face às dúvidas que se mantêm quanto ao que esta escala realmente mede (Moreira, 2000). Quanto às escalas de Preocupação e Evitação, ambas se correlacionam negativamente, e de modo significativo, com todas as escalas e subescalas da EPS. Para além disso, é visível que as correlações são mais altas para o Apoio Íntimo do que para o Apoio Casual e que as correlações mais altas são obtidas para as subescalas que mais têm a ver com a vinculação, nomeadamente as de Aliança Fiável e Vinculação. Estes resultados apoiam a validade discriminante das subescalas da EPS.

Quadro 4. Correlações das escalas da EPS com as do QER e BSI, Estudo 1

	EPS	ApInt	ApCas	AC	AF	RV	OPC	V	IS
Alfa	0,88	0,86	0,71	0,79	0,67	0,63	0,53	0,71	0,56
Preocupação	-0,46**	-0,46**	-0,32**	-0,33**	-0,44**	-0,26**	-0,17*	-0,49**	-0,29**
Evitação	-0,42**	-0,42**	-0,28**	-0,38**	-0,43**	-0,14*	-0,25**	-0,33**	-0,33**
Auto-Suficiência	-0,03	-0,06	0,04	-0,05	-0,11	0,08	0,01	-0,04	-0,01
BSI	-0,37**	-0,33**	-0,32**	-0,26**	-0,29**	-0,31**	-0,15*	-0,37**	-0,25**

Por fim, foram analisadas as correlações entre a EPS e os resultados da BSI (Quadro 4). Tal como seria de esperar, verificou-se que os indivíduos que apresentavam uma maior percepção de apoio eram aqueles que evidenciavam menos sintomas de desajustamento emocional. Esta correlação negativa é semelhante para o Apoio Íntimo e para o Apoio Casual. A análise ao nível das seis subescalas da EPS indica a existência de correlações negativas significativas da BSI com as dimensões do apoio social, variando entre -0,37 para a escala de Vinculação e -0,15 para a escala de Oportunidade de Prestação de Cuidados. Estes resultados confirmam a particular importância da vinculação nos mecanismos de apoio social.

Procurou-se ainda compreender, através de uma análise de regressão múltipla, qual o grau de adequação dos diferentes modelos de cotação da EPS (uma, duas ou seis escalas) na previsão dos resultados da BSI. Apesar de se verificar um aumento da variância explicada do modelo de uma ($R^2 = 0,13$) para o modelo de duas escalas ($R^2 = 0,14$) e deste último para um modelo de seis escalas ($R^2 = 0,18$), as diferenças de variância explicada em cada passo não se revelaram significativas. Este resultado poder-se-á justificar pela dimensão relativamente reduzida da amostra, pelo que continuamos convictos da pertinência da utilização de um modelo que inclua mais do que a escala geral.

DISCUSSÃO

A análise factorial exploratória levada a cabo neste estudo evidenciou a pertinência de uma distinção que, embora não seja sugerida pelos autores da escala, parece revelar-se importante. A distinção entre Apoio Íntimo (constituído pelas subescalas de Aconselhamento, Aliança Fiável, Oportunidade de Prestação de Cuidados e Vinculação) e Apoio Casual (constituído pelas subescalas de Reafirmação do Valor e Integração Social) permite captar diferenças entre as dimensões mais relacionadas com a intimidade e a proximidade afectiva e a as dimensões mais relacionadas com os aspectos sociais do apoio, como a partilha de interesses e o reconhecimento do valor social. Estes dois factores estão, no entanto, bastante correlacionados entre si. Os resultados da análise factorial confirmatória revelaram, também, a vantagem de se considerar os resultados tanto ao nível das seis escalas como ao nível dos dois grandes factores, para além do factor geral de apoio percebido, confirmando como mais valia importante deste instrumento a existência de três formas possíveis de cotação, que podem ser seleccionadas em função dos objectivos de cada utilizador.

Os dados relativos à validade referenciada por critérios evidenciam a existência das correlações esperadas entre os resultados da EPS e a vinculação, e de correlações negativas entre

o apoio social e os sintomas psicológicos. Estes resultados são coerentes com as conceptualizações teóricas mais correntes acerca do apoio social percebido e das suas vantagens e, portanto, constituem dados a favor da validade de construto da escala.

ESTUDO 2

Este estudo teve como objectivo obter dados de reteste em relação à EPS e dados de validade concorrente, relacionando a EPS com outra medida de apoio social. Para além disso, considerou-se ainda importante alargar a base empírica da validade de construto da EPS, estudando a relação entre os resultados deste instrumento e os de uma medida de estado emocional que não se limitasse a avaliar sintomas de perturbação psicológica, como já havia sido feito no Estudo 1.

MÉTODO

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 74 estudantes do 3º ano de licenciatura da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, em relação aos quais não foi obtida informação demográfica. No entanto, dadas as características conhecidas desta população, podemos estimar a média de idades em cerca de 21 anos e a percentagem do sexo feminino em cerca de 85%.

Medidas

Os questionários foram apresentados pela ordem em que são descritos abaixo. Duas semanas após a primeira aplicação realizou-se o reteste da EPS.

EPS (Escala de Provisões Sociais)

A escala foi descrita a propósito do Estudo 1, estando os valores do alfa no presente estudo indicados na primeira coluna do Quadro 5.

IEA (Inventário de Estados Afectivos)

Este inventário, desenvolvido por Moreira (1999) mede a intensidade de estados emocionais positivos ou negativos. É pedido aos participantes que avaliem a intensidade com que sentem habitualmente cada uma de 103 emoções, representadas por uma única palavra. As respostas são avaliadas numa escala de 1 (“muito pouco ou nada”) a 5 pontos (“extremamente”). Análises factoriais ainda não publicadas permitiram verificar que este instrumento mede cinco grandes factores: Emoções Negativas (37 itens), ligadas à depressão, angústia e, em menor grau, ansiedade (e.g., “Desanimado”); Emoções de Activação Positiva (14 itens), que se relacionam com energia positiva e impulso para a acção (e.g., “Ousado”); Emoções de Auto-Eficácia (11 itens), que se relacionam com a sensação de competência, determinação e envolvimento na realização de

tarefas, e com a valorização pessoal (e.g., “Determinado”); Emoções Pró-Sociais (6 itens), ligadas a sentimentos positivos direccionados aos outros (e.g., “Amável”); e Emoções de Serenidade (3 itens), que estão relacionadas com estados de tranquilidade e de equilíbrio interior (e.g., “Calm”). Os alfas de Cronbach obtidos neste estudo foram 0,96 para a subescala de Emoções Negativas, 0,90 para a subescala de Emoções de Activação Positiva, 0,88 para a subescala de Emoções de Auto-eficácia, 0,83 para a subescala de Emoções Pró-sociais e 0,76 para a sub-escala de Emoções de Serenidade.

QASR (Questionário de Apoio Social)

O QAS é a versão reduzida portuguesa do Social Support Questionnaire, um inventário construído por I. G. Sarason et al. (1983). Este questionário mede o apoio social através (a) da percepção que o indivíduo tem da presença na sua rede social de pessoas dispostas a fornecer-lhe apoio, e (b) da satisfação com esse apoio disponível. O questionário foi traduzido e validado para a população Portuguesa por Moreira, Andrez, Moleiro, Silva, Aguiar e Bernardes (2002). Na sua versão reduzida (QASR), o questionário é

constituído por 6 itens. Para cada um destes itens é indicado o número de pessoas (num máximo de 9) que se considera estarem disponíveis para fornecer o apoio nele mencionado e o grau de satisfação com esse apoio (numa escala de seis pontos entre “1 – Muito insatisfeito” e “6 – Muito satisfeito”). Os resultados são obtidos calculando o número médio de pessoas apontadas como disponíveis (QASR-N) e o nível médio de satisfação (QASR-S) nos seis itens. Como exemplos de itens temos “Com quem pode realmente contar para o/a ajudar a sentir-se mais descontraindo/a quando está tenso/a ou sob pressão?” e “Com quem pode na verdade contar para se preocupar consigo, independentemente do que se esteja a passar na sua vida?”.

RESULTADOS

Correlação teste-reteste

Os dados relativos à precisão de reteste são apresentados no Quando 5. Como se pode verificar, os valores obtidos para as várias subescalas são adequados, sendo mais elevados para a escala total e para as subescalas de Apoio Íntimo e de Apoio Casual, como seria de esperar, dado o maior número de itens destas escalas.

Quadro 5. Precisão por alfa de Cronbach e reteste das escalas da EPS e suas correlações com outras escalas, Estudo 2.

	EPS	ApInt	ApCas	AC	AF	RV	OPC	V	IS
Alfa	0,89	0,86	0,78	0,74	0,54	0,7	0,61	0,7	0,71
Reteste	0,86	0,83	0,82	0,68	0,51	0,75	0,81	0,81	0,6
QASR-N	0,34**	0,33**	0,25*	0,25*	0,32**	0,19	0,28*	0,24*	0,25*
QASR-S	0,56**	0,58**	0,36**	0,55**	0,26*	0,30*	0,43**	0,54**	0,34**
Negat	-0,38**	-0,34**	-0,35**	-0,26*	-0,35**	-0,29**	-0,19	-0,32**	-0,32**
ActPos	0,17	0,12	0,24*	0,1	0,03	0,26*	0,13	0,12	0,14
AEfic	0,49**	0,37**	0,59**	0,30**	0,32**	0,62**	0,28**	0,32**	0,39**
ProSoc	0,52**	0,46**	0,46**	0,41**	0,27*	0,37**	0,42**	0,39**	0,41**
Seren	0,32**	0,29**	0,29**	0,31**	0,22*	0,30**	0,15	0,28**	0,19

Nota. ApInt - Apoio Íntimo. ApCas - Apoio Casual. QASR-N – Questionário de Apoio Social, versão reduzida, dimensão da rede social; QASR-S – Questionário de Apoio Social, versão reduzida, dimensão da satisfação com o apoio. Negat - Emoções Negativas. ActPos - Emoções de Activação Positiva. AEfic - Emoções de Auto-Eficácia. ProSoc - Emoções Pró-Sociais. Seren - Emoções de Serenidade

Correlação com outra medida de apoio social

Uma das questões importantes a esclarecer neste estudo prendia-se com as relações entre a EPS e outra medida de apoio social, o QASR. Tal como prevíamos, verificámos a existência de correlações positivas consideráveis entre os dois instrumentos (ver Quadro 5), mais elevadas entre a EPS e o QASR-S do que com o QASR-N. Para além disso, constatámos que o QASR-N se correlaciona de modo mais ou menos equivalente com o Apoio Íntimo e o Apoio Casual,

e que, apesar de o QASR-S se correlacionar também com ambos, tem uma correlação significativamente mais elevada com o Apoio Íntimo, $Z = 2,15, p < 0,05$ (Meng, Rosenthal e Rubin, 1992). Desta análise destaca-se ainda o facto de a subescala de Reafirmação de Valor ser aquela que menos se correlaciona com o QAS-N e a subescala de Aliança Fiável aquela que apresenta uma correlação mais elevada. Já no que diz respeito ao QASR-S, verificam-se correlações mais elevadas para todas as subescalas da EPS, sobretudo com as subescalas de Aconselhamento e

Vinculação, sendo as subescalas de Reafirmação de Valor e Aliança Fiável as únicas a correlacionar abaixo de 0,30.

Correlação com o IEA

Os resultados referentes às correlações entre a EPS e as suas subescalas e as dimensões do IEA podem ser analisadas no Quadro 5. De um ponto de vista geral, podemos verificar que se encontraram as correlações esperadas entre a Escala total da EPS e quase todas as dimensões do IEA, com excepção para as emoções relacionadas com a Activação Positiva. Concretamente, verificam-se correlações negativas com as emoções de valência negativa e correlações positivas com as emoções de valência positiva (de Auto-Eficácia, Pró-Sociais e de Serenidade). No caso das Emoções de Activação Positiva, a correlação vai no sentido esperado, mas não atinge a significância. Este padrão é similar para as subescalas de Apoio Íntimo e Apoio Casual, se exceptuarmos o facto de a correlação entre o Apoio Casual e as Emoções de Activação Positiva atingir a significância. Para além disso, verifica-se que a correlação com as Emoções de Auto-Eficácia é significativamente mais alta para a escala de Apoio Casual do que para a de Apoio Íntimo, $Z = 2,38$, $p < 0,05$.

Analisando em maior pormenor as correlações com as subescalas da

EPS, é possível identificar dimensões emocionais preferencialmente ligadas a cada uma dessas subescalas. Esta diferenciação acrescenta, à perspectiva dos autores da EPS de que diferentes formas de apoio devem ser emparelhadas com as necessidades inerentes a cada contexto, a ideia de que a percepção desse tipo de apoio intensifica tipos particulares de reacções emocionais. Identificamos, assim, que o Aconselhamento está sobretudo relacionado com as Emoções Pró-Sociais, a Serenidade e a Auto-Eficácia; que a Aliança Fiável se correlaciona negativamente com as Emoções Negativas e positivamente com a Emoções de Auto-Eficácia; que a Reafirmação do Valor, embora se correlacione também, com as Emoções Pró-Sociais, com a Serenidade e com um nível mais baixo de Emoções Negativas, se correlaciona de forma muito forte com as Emoções de Auto-Eficácia; que a Oportunidade de Prestação de Cuidados é a subescala que apresenta menor número de correlações significativas com as dimensões emocionais (apenas com as Emoções Pró-Sociais e as de Auto-Eficácia); finalmente, que a Vinculação e a Integração Social se correlacionam mais fortemente com as Emoções de Auto-Eficácia e as Emoções Pró-Sociais, embora também estejam associadas a um nível mais baixo de Emoções Negativas e, no caso da Vinculação, às emoções de Serenidade.

DISCUSSÃO

Os resultados deste segundo estudo revelam a existência de indicadores adequados de precisão teste-reteste, bem como das correlações esperadas com uma outra medida de apoio social. Estas correlações, embora evidenciando que os dois instrumentos medem construtos estreitamente relacionados, mostram também que os dois não são sobreponíveis, dado que se referem a facetas algo diferentes dentro do apoio social. Assim, tanto o QAS como a EPS se mantêm úteis para a avaliação do apoio social, dentro dos seus domínios específicos. Para além disso, os resultados captaram ainda a maior aproximação entre o apoio social percebido, medido pela EPS, e a satisfação com o apoio social, medido pelo QAS-S, por comparação com a que se verifica entre a EPS e a dimensão da rede social de apoio que se considera disponível, medido pelo QAS-N. Verificou-se, ainda, que a satisfação com o apoio tem uma relação mais forte com o Apoio Íntimo do que com o Apoio Casual, ao passo que a disponibilidade da rede de apoio social parece ter relações semelhantes com ambas as dimensões de apoio social percebido. Destaca-se, aqui, a importância da Aliança Fiável, cuja correlação com a dimensão da rede social de apoio disponível é a mais elevada. Este resultado é concerteza produto do conteúdo dos itens da escala de Aliança Fiável, os quais são indi-

cadores da presença de pessoas disponíveis para fornecer ajuda em situações concretas (o mesmo tipo de conteúdo presente nos itens do QASR-N), mais do que de uma partilha emocional muito íntima. Já no que diz respeito à satisfação com o apoio social, apesar de as várias dimensões do apoio se revelarem importantes, as dimensões mais relacionadas com a sensação de proximidade afectiva, a Vinculação e o Aconselhamento, parecem constituir a sua base fundamental. Destaca-se, por fim, a subescala de Reafirmação de Valor como aquela que parece relacionar-se menos com a dimensão e satisfação com a rede de apoio social. Esta subescala, que constitui uma medida da percepção que o indivíduo tem de que as suas competências e características são valorizadas pelos outros, não parece relacionar-se com a avaliação do número de pessoas disponíveis na rede social, embora tenha uma correlação significativa com a satisfação com o apoio. O primeiro resultado faz sentido face ao tipo de apoio medido por esta escala, uma vez que a sua eficácia não deverá estar relacionada com o número de pessoas disponíveis, como acontece, por exemplo, para a Aliança Fiável. A correlação modesta com a Satisfação com o apoio poderá dever-se ao facto de esta valorização pelos outros não estar dependente da intimidade emocional, a qual parece constituir o cerne da satisfação com o apoio disponível.

Para além disso, pudemos ainda verificar como diferentes facetas das provisões sociais se relacionam com reacções emocionais específicas, reforçando deste modo a perspectiva dos autores da EPS em relação à relevância de considerar diferentes dimensões do apoio social percebido. Por outras palavras, parece importante considerar, na avaliação dos benefícios das diferentes facetas do apoio, não só as situações stressantes em que podem ter maiores efeitos e os diferentes mecanismos pelos quais podem exercer a sua acção, mas também os diferentes resultados a que podem dar origem em termos de adaptação psicológica. Assim, verifica-se que as emoções negativas são mitigadas sobretudo pela sensação de Aliança Fiável, seguida das de Vinculação e de Integração Social. Estes resultados sugerem que as Emoções Negativas estarão sobretudo associadas à percepção de uma ausência de relações significativas. As Emoções de Activação Positiva, pelo contrário, parecem não ter praticamente relação com o apoio social, com excepção da subescala de Reafirmação de Valor. Estas fracas correlações poderão ser devidas ao facto de a activação destas emoções ocorrer sobretudo em episódios específicos e localizados no tempo, não apresentando tendência a tornar-se cronicamente activadas, como acontece com as emoções negativas (Frijda, 1988). Assim, seriam os episódios de sucesso no alcançar de

objectivos pessoais, bem como o reconhecimento pelos outros desses sucessos, a induzir reacções emocionais deste tipo. Por seu turno, os episódios em que se recebe apoio mais íntimo, além de mais difusos no tempo, ocorreriam mais frequentemente no contexto de dificuldades pessoais, não tendendo por isso a ser acompanhados no mesmo grau por Emoções de Activação Positiva. Um padrão semelhante encontra-se para as Emoções de Auto-Eficácia, embora, neste caso, todas as correlações com as subescalas da EPS sejam bastante maiores. Ainda assim, a correlação claramente mais alta é encontrada para a subescala de Reafirmação de Valor, o que faz todo o sentido face ao conteúdo dos itens que a compõem. Para a escala de Emoções Pró-Sociais, encontramos correlações geralmente semelhantes para todas as subescalas de EPS, com excepção da de Aliança Fiável. Este resultado poderá ficar a dever-se ao facto de esta subescala ser aquela que implica um papel menos activo por parte do indivíduo, uma vez que se refere sobretudo à disponibilidade por parte dos outros. Poderá, por isso, estar menos associada às motivações interpessoais visadas pela escala de Emoções Pró-Sociais. Finalmente, as Emoções de Serenidade parecem estar preferencialmente ligadas aos aspectos mais íntimos da disponibilidade de apoio (Aconselhamento e Vinculação), mas também à Reafirmação de Valor. Este

padrão poderá dever-se à sensação de aceitação pessoal transmitida pelo conjunto destas escalas, que poderá estar na base dos sentimentos de Serenidade.

Em suma, parece comprovar-se a relação entre o apoio social percebido e a prevenção de estados emocionais negativos, assim como a relação entre o apoio e a promoção de estados emocionais positivos. Menos seguro é o estatuto das relações mais específicas entre determinadas subescalas da EPS e certos tipos de reacções emocionais, em relação às quais se pode questionar a sua replicabilidade noutras amostras. Tal questão deveria ser objecto de investigações futuras.

ESTUDO 3

O terceiro estudo teve como objectivo estender a rede de construtos cujas correlações com a EPS foram examinadas, alargando assim a base empírica da sua validade de construto e preenchendo algumas lacunas a esse respeito, nomeadamente a do grau em que as respostas à EPS reflectem a desejabilidade social.

MÉTODOS

Participantes

Neste estudo participaram 130 estudantes de Enfermagem e Fisioterapia de uma escola da região

de Lisboa. Destes, 110 eram mulheres e 20 eram homens. As idades variavam entre os 18 e os 47 anos, sendo em média 23 anos.

Medidas

EPS

A descrição desta escala pode ser consultada no Estudo 1. Os valores do alfa no presente estudo podem ser encontrados na primeira linha do Quadro 6.

Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (EM-C)

Este instrumento tem como objectivo medir a desejabilidade social, isto é, a tendência dos indivíduos para fornecer respostas que consideram indicar características positivas e valorizadas pela cultura em que se inserem. É composto por 20 itens de resposta dicotómica “Verdadeiro” ou “Falso”, sendo que 10 são cotados no sentido positivo e 10 no sentido negativo. A versão portuguesa utilizada neste estudo foi elaborada por António Simões, não tendo, tanto quanto é do nosso conhecimento, sido objecto de publicação. São exemplos de itens desta escala “As minhas maneiras à mesa são tão boas em casa como no restaurante” e “Às vezes, gosto de falar da vida alheia” (cotação invertida). O valor do alfa de Cronbach no nosso estudo foi de 0,66.

Rosenberg Self-Esteem Inventory (ROS)

Este questionário pretende constituir uma medida global de auto-estima. A escala, que foi traduzida para Português por Graça Seco (2000), é composta por 10 afirmações, 5 no sentido positivo e 5 no sentido negativo. O indivíduo avalia o seu grau de concordância com cada uma das afirmações, numa escala que de quatro pontos, que varia entre “Concordo muito” e “Discordo muito”. Como exemplos de itens temos “Julgo que tenho, pelo menos, tanto valor como os outros”, e “Bem vistas as coisas, sou levado a pensar que sou um falhado” (sentido negativo). O alfa de Cronbach desta escala neste estudo foi de 0,85.

Mother-Father Peer Scale (MFPS)

Esta escala, proposta por Seymour Epstein, tem como objectivo avaliar a percepção que o indivíduo construiu das atitudes expressas por cada uma das figuras parentais (ou pessoas que as substituíram) e pelas outras crianças, durante o período da sua infância. É pedido ao participante que avalie, numa escala de cinco pontos entre “Concordo totalmente” e “Discordo totalmente”, 23 afirmações que dizem respeito ao relacionamento com a mãe na infância, 23 afirmações, iguais às anteriores, dizendo respeito ao pai e, por fim, 10 afirmações, diferentes das anteriores, referentes ao relacionamen-

to com outras crianças. O questionário mede duas dimensões bipolares, “Encorajamento da Independência” vs “Sobreprotecção” (e.g., “Encorajava-me a fazer as coisas por mim próprio”) e “Aceitação” vs “Rejeição” (e.g., “Estava sempre disponível quando eu precisava da sua confiança e do seu apoio”) relativas ao relacionamento com as figuras parentais, e a dimensão “Aceitação” vs “Rejeição” (e.g., “Gostavam de brincar comigo”) para o relacionamento com as outras crianças. A tradução portuguesa desta escala foi levada a cabo por Pedro Lopes dos Santos, Ana Paula Silva e Ana Maria Sousa (1995). O alfa de Cronbach da subescala de Encorajamento da Independência pela mãe foi 0,86; o da subescala de Aceitação pela mãe 0,85; o da subescala de Encorajamento da Independência pelo pai 0,78; o da subescala de Aceitação pelo pai 0,87 e o da subescala de Aceitação pelos pares foi de 0,89.

Inventário Big Five (IBF)

Trata-se de um inventário de traços de personalidade desenvolvido por John e Srivastava (1999; Benet-Martinez e John, 1998) que pretende medir cinco dimensões consideradas fundamentais (Modelo do Big Five): Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à Experiência. A versão portuguesa desta escala foi desenvolvida por João Moreira, João

Veríssimo, Rui Mata, Sérgio Moreira e André Mata (2003), no âmbito do estudo português para o “International Sexuality Description Project”. O inventário é constituído por 44 afirmações, avaliadas numa escala de cinco pontos, desde “1 – Discordo fortemente” até “5 – Concordo fortemente”. Alguns exemplos de itens são “É inventivo” (Abertura à Experiência), “Fica nervoso facilmente” (Neuroticismo) e “Pode ser um pouco descuidado” (Conscienciosidade, invertido). No nosso estudo, os Alfas de Cronbach foram de 0,84 para a escala de Extroversão, 0,58 para a escala de Agradabilidade, 0,77 para a escala de Conscienciosidade, 0,85 para a escala de Neuroticismo e 0,63 para a escala de Abertura à Experiência.

Extended Life Orientation Test-Português (ELOT-PT)

O ELOT-PT é a versão portuguesa do ELOT, desenvolvido por Chang, Maydeu-Olivares e D’Zurilla (1997). Esta escala, traduzida para Português por Fátima Perloiro (2002), é constituída por 20 itens, que avaliam duas dimensões, o Optimismo (6 itens) e o Pessimismo (9 itens). Cinco são itens distractores. As respostas são cotadas numa escala de 1, “Discordo fortemente”, até 5, “Concordo fortemente”. Exemplos de itens são “É melhor

não criar demasiadas expectativas, dado que provavelmente irei ficar desapontado/a” (Pessimismo) e “Geralmente, as coisas no fim acabam sempre bem” (Optimismo). No nosso estudo, a subescala de Pessimismo apresentou um Alfa de Cronbach de 0,85 e a subescala de Optimismo um alfa de 0,63.

Escala de Satisfação com a Vida (ESCV)

É a versão portuguesa da SWLS “Satisfaction with Life Scale” desenvolvida por Diener, Emmons, Larson e Griffin (1985), com o objectivo de fornecer uma medida geral de satisfação em relação à vida. A versão portuguesa desta escala é de Neto (2001). Trata-se de um instrumento com apenas cinco itens, cada um avaliado numa escala de sete pontos, que varia entre 1 “Totalmente em desacordo” e 7 “Totalmente de acordo”. Exemplos de itens desta escala são “As minhas condições de vida são excelentes” e “Estou satisfeito/a com a minha vida”. O valor do Alfa de Cronbach neste estudo foi de 0,82.

Procedimento

Os questionários foram aplicados em grupo, em contexto de sala de aula, de acordo com a seguinte ordem: ELOT-PT, EPS, IBF, ROS, MFPS, ESCV, EM-C. Por último, apresentava-se a folha de dados demográficos.

RESULTADOS

Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (EM-C)

Não encontramos, neste estudo,

qualquer correlação significativa entre esta medida de desejabilidade social e a EPS (ver Quadro 6), quer se considere os valores totais da EPS, quer se utilize qualquer um dos modelos de subescalas proposto (duas ou seis).

Quadro 6. Alfas da EPS e correlações entre as subescalas da EPS e outras escalas, Estudo 3.

	EPS	ApInt	ApCas	AC	AF	RV	OPC	V	IS
Alfa	0,91	0,88	0,82	0,71	0,76	0,7	0,66	0,66	0,75
EMC	0,01	0,03	-0,04	0,04	-0,02	-0,05	0,01	-0,03	-0,01
ROS	0,41**	0,35**	0,42**	0,24**	0,26**	0,39**	0,29**	0,37**	0,25**
IndMae	0,23*	0,20*	0,25**	0,24**	0,17*	0,25**	0,1	0,16*	0,20**
AceitMae	0,31**	0,27**	0,29**	0,35**	0,16*	0,28**	0,12	0,23**	0,24**
IndPai	0,30**	0,25**	0,32**	0,27**	0,30**	0,29**	0,08	0,17*	0,27**
AceitPai	0,09	0,07	0,09	0,07	0,07	0,1	0,09	-0,02	0,05
AceitPares	0,40**	0,36**	0,36**	0,36**	0,40**	0,34**	0,29**	0,17*	0,28**
Extroversão	0,1	0,1	0,06	-0,03	0,12	0,09	0,08	0,15*	0,02
Agradabilidade	0,14	0,11	0,14	0,03	0,09	0,17*	0,09	0,09	0,09
Consciencios.	0,08	0,08	0,09	-0,05	0,06	0,12	0,20*	0,06	0,04
Neuroticismo	-0,28**	-0,27**	-0,24**	-0,24**	-0,21**	-0,16*	-0,19*	-0,25**	-0,27**
Abert. à Exp.	0,15*	0,11	0,20*	0,07	0,11	0,16*	0,16*	0,05	0,20*
ELOT Optim.	0,15	0,14	0,17*	0,04	0,12	0,15*	0,20*	0,14	0,16*
ELOT Pessim.	-0,38**	-0,34**	-0,38**	-0,23**	-0,30**	-0,32**	-0,23**	-0,35**	-0,36**
ESCV	0,43**	0,42**	0,36**	0,36**	0,36**	0,33**	0,33**	0,43**	0,32**

Nota. EMC – Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. ROS – Escala de Auto-Estima de Rosenberg. IndMae – Encorajamento da Independência pela mãe. AceitMae – Aceitação pela mãe. IndPai – Encorajamento da Independência pelo pai. AceitPai – Aceitação pelo pai. AceitPares – Aceitação pelos pares. Consciencios. – Conscienciosidade. Abert. à Exp. – Abertura à Experiência. ELOT Optim. – ELOT, subescala de Optimismo. ELOT Pessim. – ELOT, subescala de Pessimismo.

Rosenberg Self-Esteem Inventory (ROS)

Os dados relativos às correlações entre esta escala e a EPS evidenciaram a existência de correlações positivas significativas com a escala total da EPS, bem como com todas as subescalas. Tal como se pode verificar no Quadro 6, esta correlação é mais elevada para o Apoio Casual e, em termos de subescalas, ligeiramente superior para as subescalas de Reafirmação do Valor e Vinculação.

Mother-Father Peer Scale (MFPS)

Analisando as correlações entre cada uma das subescalas da MFPS e as subescalas da EPS (Quadro 6), verificamos algumas diferenciações interessantes. A subescala de Encorajamento da Independência por parte da mãe apresenta correlações significativas com o apoio social percebido, com o Apoio Casual com o Apoio Íntimo (esta ligeiramente inferior). Ao nível das seis subescalas as correlações são mais fortes com a Reafirmação do Valor e com o Aconselhamento. No que diz respeito ainda à relação com a mãe, mas desta feita à Aceitação, as correlações são mais elevadas, mas o padrão de correlações revela-se semelhante.

No que diz respeito à percepção das atitudes de Encorajamento da Independência por parte do pai, o padrão de correlações é semelhante ao obtido para esta dimensão na relação

com a mãe. Apenas se destaca, no caso da relação com o pai, o valor mais elevado da correlação com a subescala de Aliança Fiável, se comparada com a que se encontrou para qualquer das escalas referentes à mãe. Em relação à dimensão de Aceitação pelo pai, verificamos a total ausência de correlações com qualquer uma das subescalas da EPS.

Por fim, quando é pedido ao participante que reflecta sobre as atitudes das outras crianças, verificamos que a sensação de se ser aceite pelos pares apresenta as correlações mais elevadas com o apoio social percebido. Estas correlações, que ocorrem ao nível da escala global, das duas dimensões, Apoio Íntimo e Apoio Casual, e ao nível das seis subescalas, apenas se revelam mais fracas para a Vinculação. A subescala de Oportunidade de Prestação de Cuidados correlaciona-se aqui pela primeira vez com uma das subescalas da MFPS.

Inventário Big Five (IBF)

Tal como se pode verificar no Quadro 6, apenas a dimensão Neuroticismo evidencia correlações significativas com a maior parte das escalas da EPS. Esta dimensão, para além de se correlacionar negativamente com o apoio social percebido, em termos gerais, correlaciona-se ainda com o Apoio Íntimo e com o Apoio Casual, bem como com todas

as seis subescalas. Verificam-se apenas correlações ligeiramente mais baixas com as subescalas de Oportunidade de Prestação de Cuidados e de Reafirmação do Valor. A dimensão de Abertura à Experiência, para além de se correlacionar, ainda que a um nível modesto, com a escala global, correlaciona-se com o Apoio Casual e com as subescalas que o compõem, bem como com a Oportunidade de Prestação de Cuidados. As restantes dimensões, apesar de não se correlacionarem com o apoio social percebido ao nível da escala geral, correlacionam-se com algumas subescalas. No caso da Extroversão, verifica-se uma correlação com a subescala de Vinculação, enquanto que para a Agradabilidade se encontra uma correlação com a Reafirmação do Valor, e no caso da Conscienciosidade, se verifica uma correlação com a subescala de Oportunidade de Prestação de Cuidados.

Extended Life Orientation Test-Português (ELOT-PT)

Foi possível verificar que a dimensão do Optimismo, tal como é medida pelo ELOT-PT, apresenta fracas correlações com as escalas da EPS (ver Quadro 6), apenas significativas para o domínio do Apoio Casual (com as respectivas subescalas) e para a Oportunidade de Prestação de Cuidados. No entanto, ao nível da

subescala de Pessimismo, verificam-se correlações negativas elevadas com a escala geral de apoio social percebido, com os dois factores, Apoio Íntimo e Apoio Casual, e com as seis subescalas. Estas correlações são ligeiramente mais baixas com a subescala de Aconselhamento e a subescala de Oportunidade de Prestação de Cuidados.

Escala de Satisfação com a Vida (ESCV)

Também em relação a esta medida verificamos a existência de correlações significativas, neste caso positivas, com o apoio social percebido e com qualquer uma das subescalas da EPS (Quadro 6). Estas correlações são sobretudo elevadas para a escala geral, para a dimensão de Apoio Íntimo e para a subescala de Vinculação.

DISCUSSÃO

Os resultados deste terceiro estudo parecem confirmar a robustez da EPS na sua capacidade de distinguir e se relacionar de forma teoricamente previsível com a maior parte dos construtos medidos.

A ausência de correlações entre o EM-C e a EPS indica que os dois construtos não se relacionam. A percepção que o indivíduo tem acerca do apoio que recebe dos outros não parece estar sob a influência da sua motivação para apresentar uma imagem mais favorável de si próprio.

Já no que diz respeito à auto-estima, tal como é medida pela ROS, confirma-se a existência de relações importantes entre a percepção de apoio social e os sentimentos de valor pessoal apontada por alguns estudos (e.g., Newcomb e Keefe, 1997). As correlações mais elevadas com as subescalas de Reafirmação do Valor e de Vinculação confirmam que a valorização sentida por parte dos outros e a percepção de que se conseguem estabelecer relações de intimidade são factores importantes na manutenção da auto-estima (Leary, Tambor, Terdal e Downs, 1995).

As relações entre a percepção de apoio social e a memória acerca das atitudes dos pais e das outras crianças na infância são, em primeiro lugar, bastante distintas em função da figura em causa. Curiosamente, verifica-se que, no domínio das memórias infantis sobre as relações passadas, a Vinculação, ou seja, a percepção que o indivíduo tem da existência de relações de intimidade e partilha emocional com os outros, não parece ter relação com a Aceitação sentida por parte do pai. É na relação com a mãe que a percepção de se ter sido aceite e amado surge como importante no estabelecimento de relações de intimidade e proximidade afectiva. Isto apoia a ideia, difundida pela literatura da área da vinculação, de que o sentimento de se ser amado pelo cuidador principal (que, regra geral, é a mãe) é a base fundamental a partir da qual

será possível vir a estabelecer, mais tarde, relações de intimidade e confiança com os outros. A aceitação sentida por parte do pai na infância não parece ter qualquer relação com a percepção de apoio social, como se pode verificar pelo facto de não ter uma correlação significativa com nenhuma das escalas da EPS.

Onde a relação com o pai parece desempenhar um especial papel é no Encorajamento da Independência. Neste caso, as correlações são geralmente mais elevadas para o pai do que para a mãe, sendo a importância do Encorajamento da Independência por parte do pai comparável à da Aceitação por parte da mãe na determinação das percepções de apoio social.

Porém, são as atitudes sentidas por parte dos pais que mais fortemente se correlacionam com todos os aspectos da percepção de apoio social. Este resultado é compreensível se considerarmos que os pais constituem uma fonte essencial de apoio, logo desde a infância e, mais ainda, na fase inicial da idade adulta, em que se situam predominantemente os participantes na nossa amostra.

Uma vez que a EPS avalia a percepção que o indivíduo tem acerca do apoio que recebe nas suas relações com os outros, faz sentido pensar que esta percepção pode ser influenciada pelas características de personalidade (Weiss, 1974). Estudos anteriores pareciam apontar no sentido da existência

de relações entre o apoio social percebido e as dimensões de Extroversão e de Neuroticismo do Modelo Big Five (Cutrona e Russell, 1987; Russell, Booth, Reed e Laughlin, 1977). No nosso estudo, verificámos que as dimensões de Extroversão e de Agradabilidade apresentavam correlações fracas e raramente significativas com o apoio social percebido. Este resultado em relação à Extroversão já havia sido reportado nos estudos que utilizavam o QAS-N (I. G. Sarason et al., 1983). É possível que o efeito positivo da Extroversão, que garante ao indivíduo uma maior facilidade no contacto social com os outros, seja contrariado pelo facto de essas relações poderem ser de menor intimidade e estabilidade. No que diz respeito à dimensão de Neuroticismo, foi possível corroborar as esperadas correlações negativas com a percepção de apoio social, quer em termos globais, quer ao nível das subescalas. Esta correlação negativa entre o apoio social percebido e o Neuroticismo pode ocorrer quer devido à tendência de indivíduos com pontuações elevadas em Neuroticismo para fazerem avaliações negativas em relação a quase todos os acontecimentos (Watson e Clark, 1984), quer devido ao facto de estes indivíduos terem maior dificuldade em desencadear e manter comportamentos de apoio nas relações com os outros (Russell et al., 1997).

Foi ainda possível identificar no presente estudo correlações específicas entre algumas das seis subescalas

da EPS e as dimensões de Conscienciosidade e Abertura à Experiência. Em relação à primeira, constatámos a existência de correlação positiva com a Oportunidade de Prestação de Cuidados. Pensamos que tal ocorra devido à tendência que os indivíduos com pontuações elevadas nas escalas de Conscienciosidade apresentam para assumirem responsabilidade e mostrarem preocupação com o cumprimento das suas obrigações e, portanto, para se sentirem mais responsáveis pelo bem-estar dos outros. Em relação à Abertura à Experiência, as correlações com as escalas incluídas na dimensão de Apoio Casual, bem como com a subescala de Oportunidade de Prestação de Cuidados, podem reflectir a disponibilidade destes indivíduos para partilharem a experiência dos outros e se envolverem também ao nível social num maior número de experiências e relações.

Considerámos ainda de interesse analisar as relações entre o apoio social percebido e as dimensões de Optimismo e Pessimismo medidas pelo ELOT-PT. Ambas as dimensões desta escala haviam mostrado em estudos anteriores relação com o apoio social (por exemplo, Tomberg, Toomela, Pulver e Tikk, 2005; Brissette et al., 2002). No presente estudo, foi sobretudo o Pessimismo que se correlacionou significativamente de forma negativa com o apoio social percebido e com as suas várias

subescalas. Este resultado parece salientar a tendência que os indivíduos pessimistas terão para o isolamento e para, esperando sempre que tudo corra da pior forma, não sentirem nas relações com os outros possibilidades efectivas de apoio. O Optimismo apresenta um padrão semelhante ao da Abertura à Experiência, correlacionando-se significativamente apenas com as escalas incluídas na dimensão de Apoio Casual e com a subescala de Oportunidade de Prestação de Cuidados. Apoiando-nos em dados de estudos anteriores (Brissette et al., 2002), pensamos que as fracas correlações do Optimismo com a EPS podem ter a ver com o facto de essa expectativa positiva em relação ao futuro estar mais relacionada com o interesse e capacidade de desenvolvimento das redes sociais de apoio, aspectos estes que não são directamente medidos pela EPS. Nesse sentido, é de esperar que sejam os indivíduos que se sentem mais confiantes em resultados positivos e na possibilidade de acontecimentos favoráveis a investir no estabelecimento de relações em que a sua percepção de valor pessoal é reforçada e em que conseguem ter efeitos positivos sobre o bem-estar dos outros.

Por fim, obtivemos dados bastante sugestivos de que são os indivíduos que relatam uma maior percepção de apoio social a revelar também uma avaliação global mais positiva da sua

vida. Este sentimento de Satisfação com a Vida tem uma relação significativa quer com o apoio social percebido global, quer com qualquer uma das subescalas. Atendendo à maior elevação das correlações entre a Satisfação e as escalas de Apoio Íntimo e de Vinculação, o maior contributo para essa satisfação parece advir da existência de relações de maior proximidade e intimidade afectiva.

DISCUSSÃO GERAL

No seu conjunto, os resultados dos presentes estudos demonstram que a EPS fornece dados com boas qualidades psicométricas acerca de diversas facetas do apoio social percebido. Estas qualidades foram confirmadas ao nível da precisão, quer por consistência interna quer por reteste, mas também ao nível da validade, avaliada através da análise factorial exploratória e confirmatória, de correlações com uma outra medida de apoio social (validade concorrente), de correlações com outras variáveis (vinculação, sintomas de perturbação psicológica, estados emocionais, auto-estima, percepção das relações significativas na infância, traços de personalidade, optimismo, pessimismo e satisfação com a vida) que se pressupõe estarem relacionadas com o apoio (validade convergente) e ainda da ausência de correlação com a desejabilidade social (validade discriminante).

A estas qualidades acresce ainda o facto de este instrumento permitir obter resultados em relação a diferentes aspectos do apoio social, os quais poderão desempenhar diferentes funções perante acontecimentos stressantes de diferente natureza (Cutrona e Russell, 1990; Weiss, 1974). Mais ainda, a EPS pode ser cotada por forma a fornecer resultados não só a este nível mais específico das seis subescalas, mas também ao nível mais global do apoio social percebido e, ainda, ao nível intermédio das duas grandes dimensões de apoio percebido nas relações mais íntimas e de apoio percebido em contextos mais casuais. Tudo isto pode ser obtido a partir de uma escala de preenchimento simples e rápido, elaborada numa linguagem acessível e que não coloca especiais exigências em termos de capacidade de leitura. Em suma, trata-se de uma escala potencialmente muito

útil e conveniente, tanto para aplicações à investigação, como em contextos mais aplicados.

Não obstante os três estudos apresentados, permanecem entretanto ainda algumas lacunas no processo de validação da EPS. Nomeadamente, as amostras utilizadas nos presentes estudos foram todas elas constituídas predominantemente por jovens adultos universitários e do sexo feminino. Seria, por isso, importante alargar os estudos a participantes mais representativos da população em geral. Finalmente, cabe apontar que todas as medidas utilizadas nos estudos de validade eram do tipo de auto-relato, pelo que não se pode excluir a possibilidade de enviesamentos derivados de factores de método. De igual modo, seria conveniente estender a demonstração da validade da EPS a medidas que não estivessem dependentes do auto-relato do próprio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bartholomew, K., Cobb, R. J., & Poole, J. A. (1997). Adult attachment patterns and social support processes. In G. R. Pierce, B. Lakey, I. G. Sarason, & B. R. Sarason (Eds.), *Sourcebook of social support and personality* (pp. 359-378). New York: Plenum.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology, 61*, 226-244.
- Benet-Martinez, V., & John, O. P. (1998). Los cinco grandes across cultures and ethnic groups: Multitrait-multimethod analyses of the Big Five in Spanish and English. *Journal of Personality and Social Psychology, 75*, 729-750.
- Brisette, I., Scheier, M. F., & Carver, C. S. (2002). The role of optimism in social network development, coping, and psychological adjustment during a life transition. *Journal of Personality and Social Psychology, 82*, 102-111.

- Brown, S. L., Nesse, R. M., Vinokur, A. D., & Smith, D. M. (2003). Providing social support may be more beneficial than receiving it: Results from a prospective study of mortality. *Psychological Science, 14*, 320-327.
- Chang, E. C., Maydeu-Olivares, A., & D'Zurilla, T. J. (1997). Optimism and pessimism as partially independent constructs: Relationship to positive and negative affectivity and psychological well-being. *Personality and Individual Differences, 23*, 433-440.
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2000). A safe haven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 78*, 1053-1073.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 644-663.
- Constable, J. F., & Russell, D. (1986). The effect of social support and the work environment upon burnout among nurses. *Journal of Human Stress, 12*, 20-26.
- Cota, A. A., Longman, R. S., Holden, R. R., Fekken, G. C., & Xinaris, S. (1993). Interpolating 95th percentile eigenvalues from random data: An empirical example. *Educational and Psychological Measurement, 53*, 585-596.
- Cutrona, C. E. (1984). Social support and stress in the transition to parenthood. *Journal of Abnormal Psychology, 93*, 378-390.
- Cutrona, C. E., & Russell, D. (1987). The provisions of social relationships and adaptation to stress. In W. H. Jones & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (Vol. 1, pp. 37-67). Greenwich, CT: JAI Press.
- Cutrona, C. E., & Russell, D. W. (1990). Type of social support and specific stress: Toward a theory of optimal matching. In B. R. Sarason, I. G. Sarason, & G. R. Pierce, (Eds.), *Social support: An interactional view* (pp. 319-366). New York: Wiley.
- Derogatis, L. R., & Melisaratos, N. (1983). The Brief Symptom Inventory: An introductory report. *Psychological Medicine, 13*, 595-605.
- Dimond, M., Lund, D. A., & Caserta, M. S. (1987). The role of social support in the first two years of bereavement in an elderly sample. *The Gerontologist, 27*, 599-604.
- Feeney, J., & Noller, P. (1996). *Adult attachment*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Frijda, N. (1988). The laws of emotion. *American Psychologist, 43*, 349-358.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships* (Vol. 5, pp. 53-152). London: Jessica Kingsley.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 336-354). New York: Guilford.

- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 102-138). New York: Guilford.
- Kaplan, R. M., & Toshima, M. T. (1990). The functional effects of social relationships on chronic illnesses and disability. In B. R. Sarason, I. G. Sarason, & G. R. Pierce (Eds.), *Social support: An interactional view* (pp. 427-453). New York: Wiley.
- Leary, M. R., Tambor, E. S., Terdal, S. K., & Downs, D. L. (1995). Self-esteem as an interpersonal monitor: The sociometer hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 518-530.
- Levy, K. N., Blatt, S. J., & Shaver, P. R. (1998). Attachment styles and parental representation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 407-419.
- Lopes dos Santos, P., Silva, A. P., & Sousa, A. M. (1995). A escala Mother-Father-Peer. In L. S. Almeida, M. R. Simões, & M. M. Gonçalves (Eds.), *Provas psicológicas em Portugal* (pp. 257-269). Braga: APPORT.
- Mallinckrodt, B., & Fretz, B. R. (1988). Social support and the impact of job loss on older professionals. *Journal of Counseling Psychology*, 35, 281-286.
- Meng, X.-L., Rosenthal, R., & Rubin, D. B. (1992). Comparing correlated correlation coefficients. *Psychological Bulletin*, 111, 172-175.
- Moreira, J. M. (1999). A razão de erros-padrões: Um critério objectivo para o teste do “cotovelo” na determinação do número de factores na análise em componentes principais. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 34, 111-147.
- Moreira, J. M. (1999, August). *Toward a circumplex structure of emotion words in Portuguese*. Paper presented at the 5th European Conference on Psychological Assessment, Patras, Greece.
- Moreira, J. M. (2000). *Manual do Questionário de Estilo Relacional (QER)*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Moreira, J. M., Andrez, M., Moleiro, C., Silva, M. F., Aguiar, P., & Bernardes, S. (2002). Questionário de Apoio Social (Versão Portuguesa do “Social Support Questionnaire”): Tradução e estudos de validade. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 13, 55-70.
- Moreira, J. M., Silva, M. F., Moleiro, C., Aguiar, P., Andrez, M., Bernardes, S., & Afonso, H. (2003). Social support as an offshoot of attachment style. *Personality and Individual Differences*, 34, 485-501.
- Moreira, J. M., Verissimo, J., Mata, R., Moreira, S., & Mata, A. (2003, Outubro). *O estudo português do ISDP: Aspectos metodológicos*. In J. Moreira (Org.), *O que se faz por cá: Resultados Portugueses do “International Sexuality Description Project”*. Simpósio temático apresentado no V Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Lisboa.

- Neto, F. (2001). Satisfaction with life among adolescents from immigrant families in Portugal. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 53-67.
- Newcomb, M. D., & Keefe, K. (1997). Social support, self-esteem, social conformity, and gregariousness: Developmental patterns across twelve years. In G. R. Pierce, B. Lakey, I. G. Sarason, & B. R. Sarason (Eds.), *Sourcebook of social support and personality* (pp. 303-333). New York: Plenum.
- Perloiro, M. F. (2002). *Padrões de optimismo e satisfação com a vida em famílias Portuguesas*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Aberta, Lisboa.
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Stevens, J. G. (1998). Attachment orientations, social support, and conflict resolution in close relationships. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp.166-188). New York: Guilford.
- Russell, D., Altmaier, E., & Van Velzen, D. (1987). Job-related stress, social support, and burnout among classroom teachers. *Journal of Applied Psychology*, 72, 269-274.
- Russell, D. W., Booth, B., Reed, D., & Laughlin, P. R. (1997). Personality, social networks, and perceived social support among alcoholics: A structural equation analysis. *Journal of Personality*, 65, 649-692.
- Sarason, B. R., Shearin, E. N., Pierce, G. R., & Sarason, I. G. (1987). Interrelations of social support measures: Theoretical and practical implications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 813-832.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: The Social Support Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 127-139.
- Seco, G. M. S. B. (2000). *A satisfação na actividade docente*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Nelligan, J. S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: The role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 434-446.
- Tomberg, T., Toomela, A., Pulver, A., & Tikk, A. (2005). Coping strategies, social support, life orientation and health-related quality of life following traumatic brain injury. *Brain Injury*, 19, 1181-1190.
- Trinke, S. J., & Bartholomew, K. (1997). Hierarchies of attachment relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 603-625.
- Voss, K., Markiewicz, D., & Doyle, A. B. (1999). Friendship, marriage, and self-esteem. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16, 103-122.

- Wallace, J. L., & Vaux, A. (1993). Social support network orientation: The role of adult attachment style. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 12, 354-365.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1984). Negative Affectivity: The disposition to experience aversive emotional states. *Psychological Bulletin*, 96, 465-490.
- Weiss, R. S. (1974). The provisions of social relationships. In Z. Rubin (Ed.), *Doing unto others* (pp. 17-26). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Wellman, B., & Wortley, S. (1990). Different strokes for different folks: Community ties and social support. *American Journal of Sociology*, 96, 558-588.